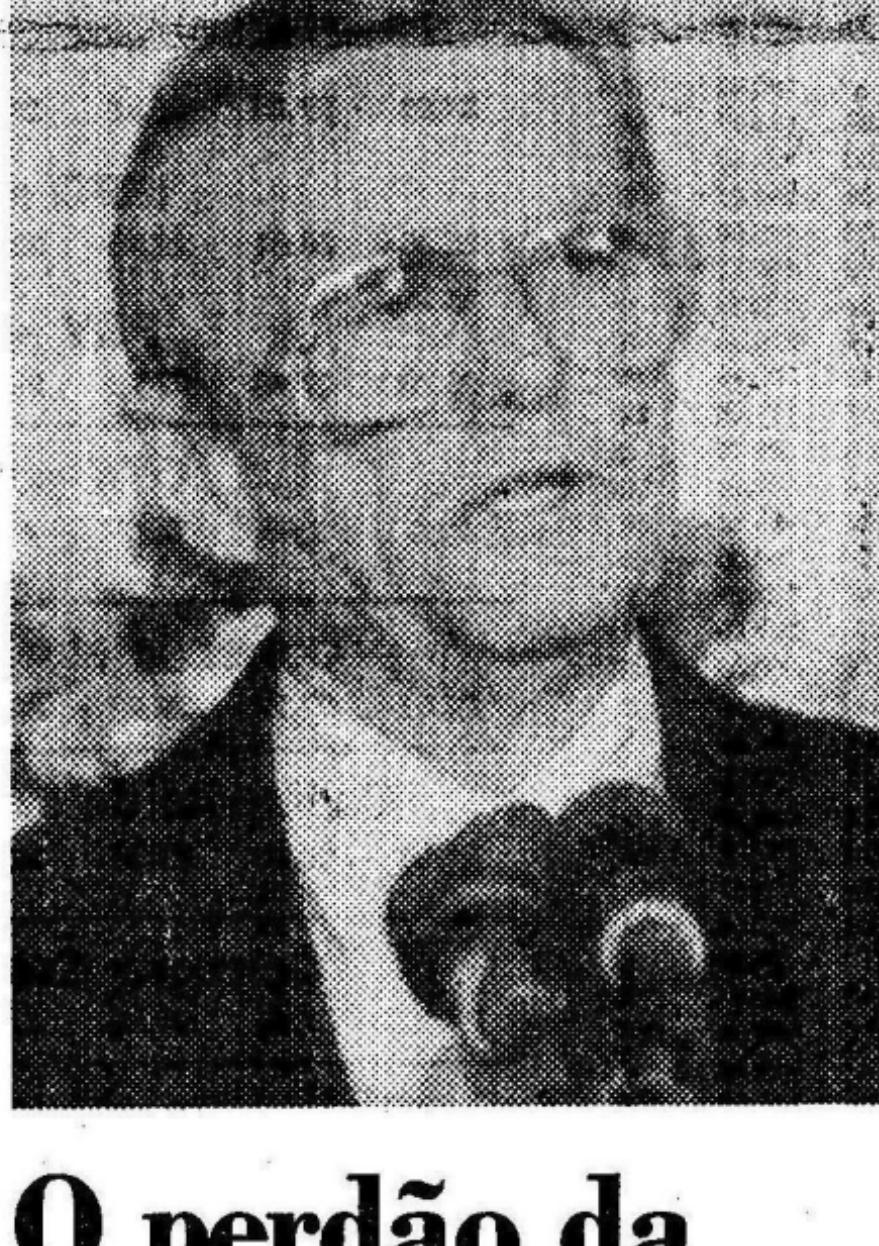


Nicholas Brady



O perdão da dívida está em suas mãos

Dois encargos fazem de Nicholas Brady um dos homens-chave da equipe do presidente George Bush: tratar dos déficits orçamentário e comercial do governo americano e da dívida dos países do Terceiro Mundo. O déficit comercial está estreitamente ligado à incapacidade latino-americana de comprar nos EUA e é portanto a circunstância que determina em parte a solução conciliatória embutida na proposta de Brady, de perdão da dívida. Mas não é uma proposta totalmente estranha as suas próprias inclinações, apesar da fama de duro.

Foi em sua breve atuação como senador — substituindo outro republicano em 1982 — que Brady primeiro demonstrou seu empenho em equilibrar os extremos, defendendo cortes moderados em gastos militares e outros para atacar o déficit orçamentário. Mas a familiaridade com complicações financeiras vem desde a juventude, como descendente de imigrantes irlandeses que fundaram a empresa de investimentos nova-iorquina Dillon, Read and Company — até há meses co-dirigida por ele.

Apesar da breve atuação como senador e da amizade de longa data com Bush, Brady, 58 anos, praticamente não era conhecido fora dos círculos de Wall Street até outubro de 1987. Foi então, com o colapso da Bolsa, que o presidente Ronald Reagan o nomeou para chefiar uma comissão encarregada de investigar as causas.

O Relatório Brady foi saudado como um modelo de perspicácia. Mas seu autor, a rigor, não precisava deste sucesso, para chegar aonde chegou. Quando o secretário do Tesouro de Reagan, James Baker, renunciou em setembro do ano passado para chefiar a campanha presidencial de Bush, a escolha de Brady para substituí-lo pareceu óbvia. Ele foi o segundo nome confirmado no ministério Bush — depois, precisamente, do outro grande amigo do novo presidente, James Baker.

Depois de recuperar razoavelmente a finançaria Dillon, Read, resta agora a Brady dar conta do dragão do déficit federal sem tirar o país do caminho de prosperidade econômica que percorre há pelo menos seis anos.